

A RELAÇÃO MÃE E FILHA NA TEORIA E CLÍNICA PSICANALÍTICA

Geísa Macedo de Moraes¹

Erick Leonardo Pereira²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender as especificidades da relação mãe e filha e os efeitos que este vínculo exerce na constituição da subjetividade da menina e na busca de sua feminilidade, utilizando como base de estudo a teoria psicanalítica de Freud, Lacan e seus comentadores. O vínculo materno é estruturante e essencial para constituição do sujeito de ambos os sexos, porém o vínculo da mãe com a filha é diferenciado do da mãe com o filho. Ao longo de sua obra, Freud propõe que o vínculo da menina com a mãe é fundamental para decifrar o enigma da feminilidade. Lacan retoma o tema da feminilidade e descobre que há algo além do Édipo na constituição do feminino. Para melhor ilustrar tais questões, tomaremos como ponto de articulação o filme Sonata de Outono.

Palavras-chave: Castração. Édipo. Relação mãe e filha. Feminilidade.

ABSTRACT

The present work aims to understand the specificities of the mother and daughter's relationship and the effects that this bond exerts on the constitution of the girl's subjectivity and on the search for her femininity, using Freud's psychoanalytic theory, Lacan and his commentators as basis of study. The maternal bond is structuring and essential for the constitution of the subject of both sexes, but the bond of the mother with the daughter is differentiated from that of the mother with the son. Throughout his work, Freud proposes that the bond of the girl with the mother is fundamental to decipher the enigma of femininity. Lacan takes up the theme of

¹ Acadêmica do Curso Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIRN). E-mail: geisamm@hotmail.com

² Professor Orientador do curso de Psicologia do Centro Universitário do Rio Grande do Norte (UNIRN). E-mail:erickpsicanalise@gmail.com

femininity and discovers that there is something beyond the Oedipus in the constitution of the feminine. In order to illustrate better such questions, we will take as a point of articulation the film *Autumn Sonata*.

Keywords: Castration. Oedipus. Mother and daughter relationship. Femininity.

1 INTRODUÇÃO

É comum ouvir mães comentando sobre o intenso vínculo existente entre elas e seus filhos. Como a arte imita a vida real, vários filmes, livros, peças, músicas, pinturas e outras formas de arte retratam o forte vínculo entre mães e filhos, alguns mostrando a excessiva aproximação resultante deste vínculo, outros expondo a difícil relação gerada por ele. Contudo, todos são unânimes na complexidade que este vínculo originário terá na vida do sujeito.

Na psicanálise, a relação mãe e filha foi diferenciada da relação mãe e filho em razão da maior complexidade que aquela relação é conduzida quando comparada a esta. Apesar da teoria freudiana partir da ideia de que tanto meninas quanto meninos têm como primeiro objeto amoroso a mãe, o afastamento do menino e da menina da figura materna trilham por caminhos diferentes.

À luz do complexo de Édipo freudiano, a mãe é o primeiro objeto de desejo tanto para menina quanto para o menino, uma vez que é ela quem desperta as primeiras sensações de prazer em ambos os sexos, com os cuidados iniciais de higiene e manuseio do bebê.

No menino, se desenvolvem desejos incestuosos com sua mãe, e o pai passa a ser visto como seu rival, em razão dele representar um obstáculo ao lugar que a criança deseja ocupar diante da figura materna. Porém, o complexo de Édipo, no menino, é destruído a partir do medo da castração, passando então a se identificar com a lei do pai.

Já com a menina, a dinâmica é diferente. O complexo de Édipo é introduzido por meio do complexo de castração, fazendo com que a menina, ao descobrir nela e na sua mãe a ausência do falo, responsabilize a mãe por essa falta, se distanciando da figura materna e passando a se voltar em direção ao pai, apesar da relação de exclusividade com a mãe não ser completamente abandonada. Tal afastamento,

todavia, não ocorre sem complicações e hostilidade, gerando uma relação intensa e ambivalente.

Freud foi compreendendo a diferença entre os dois sexos na constituição do sujeito à medida que seus estudos sobre sexualidade foram evoluindo. Ele expôs mais claramente sobre a relação mãe e filha nos seguintes artigos: “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1925), “Sexualidade Feminina” (1931) e “Feminilidade” (1933[1932]), destacando neles as consequências de uma fase pré-edipiana na menina.

No texto Feminilidade (1933 [1932]), Freud demonstra a evolução de seus estudos quanto à relação mãe e filha ao escrever:

Por muito tempo, o complexo de Édipo da menina ocultou à nossa observação a sua vinculação pré-edipiana com sua mãe, embora seja tão importante e deixe atrás de si fixações tão duradouras. Para as meninas, a situação edipiana é o resultado de uma evolução longa e difícil (FREUD, 1996d, p. 87).

Assim, a partir da teoria psicanalítica, o trabalho se propõe a mapear e discutir a produção acadêmica na relação entre mãe e filha, na tentativa de responder aos seguintes questionamentos: como se constrói esta relação e qual a relevância deste vínculo no desenvolvimento da subjetividade da menina e na sua transformação em mulher? Para melhor ilustrar o tema do trabalho, será utilizado como recurso para compreensão da relação mãe e filha na teoria psicanalítica o filme “Sonata de Outono”, de Ingmar Bergman, no qual é retratada a relação de amor e hostilidade entre mãe e filha, marcada pelo desejo de amor e pela impossibilidade dele.

Partindo dos questionamentos citados acima, este trabalho busca mostrar, com base na psicanálise, que o vínculo originário da mãe com a filha é estruturante e essencial para compreensão de como a menina torna-se mulher.

Assim, o objetivo do trabalho é compreender, com respaldo na literatura psicanalítica de Freud e Lacan, as especificidades da relação mãe e filha, bem como os efeitos que este vínculo exerce na constituição da subjetividade da menina e na busca de sua feminilidade

Para o desenvolvimento do presente trabalho, utilizou-se a revisão da literatura com base em pesquisa bibliográfica até os dias atuais. As fontes utilizadas foram artigos científicos (monografias, dissertações, teses, artigos) e livros impressos e digitais.

Por fim, o tema proposto é de importância fundamental na clínica psicanalítica, sobretudo porque o vínculo originário da mãe com a filha vai guiar a construção da subjetividade da menina e sua constituição como mulher.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste artigo foi revisão de literatura com base na pesquisa bibliográfica.

Nesta perspectiva, Marconi e Lakatos (2003, p. 183) explicam a abrangência e finalidade da pesquisa bibliográfica:

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

Quanto aos objetivos, a presente pesquisa é do tipo exploratória, de acordo com a classificação dada por Gil (2002, p. 41):

[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

Assim, a busca do referencial teórico foi realizada com pesquisa eletrônica nas seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SCIELO), periódicos eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Google acadêmico, bem como pesquisa em universidades e levantamento de livros que tratam sobre o tema. Utilizou-se os seguintes palavras-chave: mãe e filha e psicanálise. A partir disso, foram escolhidos 07 (sete) artigos científicos para dar base ao estudo, 13 (treze) livros, 01 (um) dissertação, 01 (uma) tese e 01 (uma) monografia pertinentes ao assunto proposto no artigo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O PERCURSO DA SEXUALIDADE EM FREUD

O tema sexualidade infantil foi apresentado por Sigmund Freud na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Freud, de forma inovadora, apresenta à sociedade a ideia de que a origem da sexualidade se dá na infância, contrapondo a opinião pública da época, que a compreendia ausente na infância e só despertada na puberdade; sustenta que os traços essenciais da pulsão sexual se revelam na infância e que desconsiderar tal entendimento gera ignorância sobre as condições básicas da vida sexual. No referido texto, Freud (1996f) ressalta que na literatura havia apenas notas ocasionais sobre sexualidade infantil, e mesmo assim tratando os atos sexuais infantis como excepcionais ou como exemplos de depravação.

O estudo da sexualidade infantil surge a partir das tentativas de Freud em compreender a razão pela qual os neuróticos preservam o estado infantil de sua sexualidade ou retornam a ele:

[...] nosso interesse volta-se para a vida sexual da criança, e procederemos ao estudo do jogo de influências que domina o processo de desenvolvimento da sexualidade infantil até seu desfecho na perversão, na neurose ou na vida sexual normal (FREUD, 1996f, p 106).

Durante seus estudos, Freud acrescenta reflexões ao texto ao longo de 19 anos, e, por este motivo, os *Três ensaios* foram sofrendo modificações à medida que surgiam novas considerações. O texto original data de 1905, tendo passado por reformulações em 1910, 1915, 1920 e 1924.

A figura materna assume uma importância fundamental nos estudos psicanalíticos do desenvolvimento da sexualidade infantil. Para Freud, tanto meninas quanto meninos têm a mãe como primeiro objeto amoroso, formando com ela um vínculo muito forte de amor. No entanto, a evolução desse amor segue caminhos diferentes para cada sexo. O período pré-edipiano, o complexo de Édipo e de castração são pontos-chave para compreensão dessa diferença.

No texto *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), Freud traz, pela primeira vez, considerações sobre os diferentes caminhos percorridos entre meninas e meninos no desenvolvimento psíquico. Ele menciona a importância do complexo de Édipo como fenômeno central do período sexual da primeira infância (FREUD, 1996a).

No referido texto, Freud descreve como se dá o processo de desenvolvimento do complexo de Édipo no sexo masculino, mas reconhece não saber como se realiza o desenvolvimento correspondente nas meninas.

Sobre o Complexo de Édipo no menino, Costa (2010) explica que o menino entra no Édipo quando se entrega a fantasias ligadas ao seu objeto de amor, a mãe, e começa a manipular o pênis. No entanto, ele abre mão do seu objeto de amor, diante das ameaças de castração proferidas pelo pai ou mesmo pela mãe ou seus substitutos, bem como pela angústia provocada pela ausência de falo no corpo feminino:

O afeto em torno do qual o complexo de Édipo masculino se inicia e chega a um desenlace é a angústia, ou seja, é o medo de ser privado daquela parte do corpo que, nessa idade, o menino tem como objeto mais estimável – seu pênis (COSTA, 2010, p. 22)

Guimarães (2013, p. 18) dá exemplo de como se dá a ameaça de castração no menino:

Neste período é bastante comum que os meninos sofram desaprovações e desapontamentos quando estão se masturbando. Muitas vezes ouvem ameaças de que vão cortar seu órgão. Para Freud é o medo dessas ameaças que faz com que o menino dê um destino para o seu Édipo.

De acordo com o texto, é no processo de dissolução do complexo de Édipo que “a autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto” (FREUD, 1996a, p. 104), coincidindo o fim deste período com o início da fase de latência.

Durante a descrição do processo de desenvolvimento do complexo de Édipo no menino, Freud observa as seguintes vinculações: organização fálica, complexo de Édipo, ameaça de castração, formação do superego e período de latência. Tal observação leva-o à afirmação de que a destruição do complexo de Édipo ocorre pela ameaça de castração. Neste momento do texto Freud se questiona como se realiza o desenvolvimento correspondente nas meninas, e então admite que o desenvolvimento sexual feminino ainda é obscuro e cheio de lacunas.

Freud afirma que o sexo feminino também desenvolve as mesmas vinculações atribuídas ao sexo masculino no processo de desenvolvimento do

complexo de Édipo, contudo elas ocorrem de formas diferentes. Segundo ele, é a diferença anatômica entre os sexos que repercutirá no desenvolvimento psíquico diferenciado. No caso das meninas, Freud explica que “o clitóris na menina inicialmente comporta-se exatamente como um pênis” (FREUD, 1996a, p. 105), mas quando a menina descobre que o órgão genital do menino é diferente e maior, sente-se injustiçada e acredita que foi castigada em algum momento: “Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência”, escreve Freud (1996a, p. 105).

Em 1925, com a publicação do artigo *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, a diferenciação entre os sexos no desenvolvimento psíquico é melhor explorada. É neste trabalho que Freud passa a reconhecer que nas meninas o complexo de Édipo é mais difícil de ser compreendido do que nos meninos.

Freud demonstra neste trabalho a importância do período pré-edipiano para ambos os sexos, o qual é caracterizado pelo forte vínculo com a mãe, sendo a figura materna, portanto, o primeiro objeto de amor. Em relação à vinculação entre complexos de Édipo e de castração, ele explica a principal diferença entre os sexos: “enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração” (FREUD, 1996c, p. 152).

Neste artigo, Freud ressalta a importância do complexo de Édipo na constituição do sujeito de qualquer sexo, mas ainda não consegue compreender o motivo que dará fim ao complexo de Édipo nas meninas, sinalizando apenas que a menina é mais dependente de suas origens emocionais. Por fim, destaca que a masculinidade ou a feminilidade pura são apenas constructos teóricos que ainda estão em estudo.

3.2 A SEXUALIDADE FEMININA

São nos textos *Sexualidade Feminina* (1931) e *Feminilidade* (1933[1932]) que Freud tenta desvendar o processo de desenvolvimento da sexualidade na menina.

No texto *Sexualidade Feminina* (1931), Freud retoma a questão de como as meninas se desligam da mãe e tomam o pai como objeto, reforçando a importância

da fase pré-edipiana para os dois gêneros.

Foi observando as mulheres que possuem forte ligação com o pai que Freud dá mais um passo sobre a compreensão da sexualidade feminina. Ele percebe que a intensidade da ligação da filha com o pai é precedida por uma também intensa ligação original com a mãe nos primeiros anos de vida, sendo o pai, neste período, apenas um rival causador de problemas.

Neste texto, Freud destaca a diferença anatômica entre dois sexos: enquanto o homem possui apenas um órgão sexual, a mulher tem dois: a vagina, ou seja, o órgão genital propriamente dito, e o clitóris, correspondente ao órgão masculino. Assim, ele divide a vida sexual da menina em duas fases, a primeira, com caráter masculino, tendo a zona erógena localizada no clitóris, e a segunda especificamente feminina, com ocorrência na vagina, embora o clitóris continue a funcionar na vida sexual feminina.

A partir da compreensão da zona erógena de cada sexo, o desenvolvimento da sexualidade feminina é mais complexo pelo fato de que a menina tem que abandonar sua zona erógena original - o clitóris - em favor de outra - a vagina - além de realizar a troca objetal da mãe para o pai. Guimarães (2013, p. 23) explica como estas tarefas são importantes na futura vida amorosa da mulher: “elas precisarão mudar a categoria de seu objeto amoroso, mudam da mãe para o pai, para depois, supostamente, ter os homens como escolha objetal na fase adulta”.

Neste trabalho Freud percebe que muitas mulheres permaneciam aprisionadas a sua relação com a mãe e não realizavam a mudança em direção aos homens:

Na verdade, tínhamos de levar em conta a possibilidade de um certo número de mulheres permanecerem detidas em sua ligação original à mãe e nunca alcançarem uma verdadeira mudança em direção aos homens. Assim sendo, a fase pré-edipiana nas mulheres obtém uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído (FREUD, 1996e, p. 138).

A partir deste ponto, Freud dá maior destaque à fase pré-edipiana para o desenvolvimento da menina. Zalcberg (2003) comenta que Freud não se deu conta, desde o início de seus estudos, da importância da figura materna no percurso da menina em tornar-se mulher:

Apesar de em 1905 ele já considerar a mãe o primeiro objeto sexual para os dois sexos, em função ‘de o seio materno ser paradigmático para todo vínculo

de amor', desconhece o alcance dessa sua descoberta. A profunda impressão causada por seu encontro inicial com suas pacientes histéricas nas quais reconhecia forte vínculo com a figura paterna levou-o a privilegiar o lugar do pai, mais do que o da mãe, na existência de uma filha (ZALCBERG, 2003, p. 14)

Prosseguindo no texto, o primeiro objeto de amor tanto para a menina quanto para o menino é a mãe, pois “as condições primárias para uma escolha de objeto são, naturalmente, as mesmas para todas as crianças” (FREUD, 1996e, p.140). Porém, a descoberta de que os meninos possuem pênis e de que as meninas não o possuem, levam cada sexo a caminhos diferentes no desenvolvimento sexual.

No menino surge a ameaça de castração quando ele vê que a menina não possui pênis e pensa que, por algum motivo, ela o perdeu. Com medo de ser castigado e perder o seu também, principalmente por manter desejos eróticos com sua mãe e ter sentimento de rivalidade com o pai, ele abandona seu objeto original, pelo interesse narcísico de preservar o seu pênis: “é apenas na criança do sexo masculino que encontramos a fatídica combinação de amor por um dos pais e, simultaneamente, ódio pelo outro, como rival” (FREUD, 1996e, p. 140).

Portanto, o medo de ser castrado faz o menino destruir o complexo de Édipo e o conduz à formação de seu superego, internalizando a figura paterna como referência, além das regras sociais. Como consequência do desenvolvimento do complexo de Édipo no menino, subsiste certo desprezo em relação às mulheres, a quem encaram como castradas.

Já com a menina, a situação é completamente diferente. Ela, além de reconhecer sua castração, se vê como um ser inferior ao se comparar ao homem e passa a se sentir injustiçada. Com isso, se insurge diante da situação de não ter um pênis. É principalmente pela inveja do pênis que se inicia o complexo de castração na menina e o consequente afastamento da mãe. Guimarães (2013, p. 23) explica que “a identificação com a mãe e a intensidade e a ambivalência dos sentimentos envolvidos nesta relação inicial são produtores dos grandes conflitos entre elas”.

A descoberta da castração é o marco decisivo na sexualidade da menina. No texto *Sexualidade Feminina* (1931) Freud propõe três possíveis caminhos a seguir, a partir de tal descoberta. Na primeira direção, de inibição sexual ou da neurose, a menina, ao se descobrir castrada, se sente inferiorizada, abandona a atividade prazerosa do clitóris e deixa de lado boa parte de sua masculinidade. O segundo caminho, chamado por Freud como complexo de masculinidade, é uma afirmativa

persistente da masculinidade ameaçada. A menina não aceita a castração e cresce na esperança de conseguir um pênis, vivendo a fantasia de ser um homem, situação que persiste por longos períodos. A escolha de objeto homossexual pode ser resultado desta trajetória. O terceiro destino atingirá a atitude feminina normal final, tomando o pai como objeto, e seguindo assim o caminho para a feminilidade.

Outro ponto importante abordado no texto *Sexualidade feminina* (1931) é a longa duração da fase pré-edipiana nas meninas, com grande influência na vida da filha já adulta, sendo o vínculo com o pai apenas uma transferência da relação desenvolvida com a mãe no período anterior.

Comecei por enunciar os dois fatos que me impressionaram como novos: que a intensa dependência de uma mulher quanto ao pai simplesmente assume a herança de uma ligação igualmente forte com a mãe e que essa fase primitiva demora um período de tempo inesperadamente longo (FREUD, 1996e, p. 139).

Nesta etapa de estudo sobre o desenvolvimento sexual das meninas, Freud mais uma vez destaca que a fase pré-edipiana para elas tem efeito muito mais complexo que para os meninos. Ele então conclui que “muitos fenômenos da vida sexual feminina, que não foram devidamente compreendidos antes, podem ser integralmente explicados por referência a essa fase” (FREUD, 1996e, p. 141).

É a partir do aprofundamento do estudo da fase pré-edipiana que Freud observa que as mulheres escolhem o marido de acordo com o modelo do pai, ou mesmo o coloca na posição de pai, repetindo com ele, no entanto, o relacionamento com a mãe, que é o original, sendo essa situação nada mais que uma regressão:

O relacionamento dela com a mãe foi o original, **tendo a ligação com o pai sido construída sobre ele**; agora, no casamento, o relacionamento original emerge da repressão, pois o conteúdo principal de seu desenvolvimento para o estado de mulher jaz na transferência, da mãe para o pai, de suas ligações objetais afetiva (grifos acrescentados) (FREUD, 1996e, p. 141)

Se a mãe era um objeto tão intenso e exclusivamente amado, como ocorre essa separação? Freud então passa a investigar os motivos que levam ao afastamento da mãe.

Ele conclui que vários fatores atuam juntos nessa separação: o ciúme do irmãozinho, do pai ou outra pessoa que a mãe dê atenção, pois a demanda de amor infantil é ilimitada e a criança quer toda atenção da mãe exclusivamente voltada para

ela, sendo, contudo, impossível obter satisfação completa, e por esse motivo a criança acaba se decepcionando, passando a ter atitude hostil em relação à mãe; os cuidados com a higiene infantil despertam inevitavelmente a atividade sexual da criança, porém a proibição de exercer a atividade fálica vinda da mesma pessoa que a despertou gera ressentimento; a censura à mãe por ser mulher e não possuir pênis, sendo este motivo considerado por Freud como o mais forte para o afastamento da mãe; o fato da mãe não ter amamentado suficientemente a criança.

Ao final, Freud pondera que apesar de todos os fatores citados como responsáveis pelo afastamento da mãe, a relação mãe e filha talvez esteja fadada ao afastamento, por ser a primeira relação de amor intensa, tendo sido comparada ao primeiro casamento das mulheres jovens:

Talvez o fato real seja que a ligação à mãe está fadada a perecer, precisamente por ter sido a primeira e tão intensa, tal como freqüentemente se pode ver acontecer nos primeiros casamentos de mulheres jovens, que ingressaram neles quando estavam mais apaixonadamente amorosas. Em ambas as situações, a atitude de amor provavelmente passa para a de pesar pelos inevitáveis desapontamentos e pela acumulação de ocasiões para a agressão. Via de regra, os segundos casamentos se mostram muito melhores (FREUD, 1996e, p. 144)

Ao comparar a relação da menina e do menino com a mãe, Freud questiona o porquê de os meninos manterem intacta sua ligação com a mãe, uma vez que ela é tão forte quanto a das meninas. Ele então entende que os meninos lidam com sentimentos ambivalentes para com a mãe, dirigindo toda sua hostilidade para o pai. Todavia, admite que ainda não possui uma compreensão clara desses processos.

Ainda no mencionado texto, Freud observa que “quando uma criança recebe uma impressão passiva, ela tende a produzir uma reação ativa” (FREUD, 1996e, p. 145). A criança tenta fazer ela própria o que acabaram de fazer com ela, ou seja, transforma a passividade em atividade. Ele traz como exemplo a criança examinada por um médico, quando este pede para ela abrir a boca para ver sua garganta. Apesar de se opor ao pedido, ela mesma brincará de ser o médico com alguém mais indefeso do que ela, seja um irmãozinho ou algum brinquedo, pois é brincando que a criança tenta dominar seu mundo externo.

Freud conclui que o afastamento da mãe é um passo de extrema importância para o desenvolvimento da menina, acrescentando que a troca de objeto vem junto com uma diminuição dos impulsos sexuais ativos e um aumento dos passivos, abrindo

caminho para feminilidade:

A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à catástrofe. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora aberto à menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edipiana à mãe, ligação que superou (FREUD, 1996e, p. 147).

As “Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise” (1933[1932]) são escritas como continuações e suplementos às primeiras, que foram proferidas por Freud durante os dois períodos de inverno de 1915-1916 e 1916-1917. Em uma das conferências, chamada de “Feminilidade” (Conferência XXXIII), ele volta ao tema da sexualidade feminina com o objetivo de compreender o percurso enigmático da menina até a feminilidade (FREUD, 1996d).

Em primeiro lugar, Freud recorre à ciência anatômica para mostrar que “aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida, que foge do alcance da anatomia” (FREUD, 1996d, p. 77). Para a anatomia, o que define masculino e feminino são os órgãos que se formam para as uniões sexuais, sendo o espermatozoide produto sexual masculino e o óvulo produto do organismo feminino. Os casos raros em que o indivíduo possui partes do aparelho sexual masculino na mulher ou vice-versa são entendidos pela anatomia como bissexualidade.

Freud então busca a psicologia para compreender as características mentais comuns a cada sexo. Ele explica que as características psicológicas do masculino estão ligadas a uma posição ativa, e, do feminino, passiva, provavelmente porque a célula sexual masculina seja ativamente móvel e procura o óvulo, enquanto a célula feminina espera passivamente. No entanto, ele critica a concepção de ativo e passivo no comportamento masculino ou feminino e dá exemplos das duas ações em ambos os sexos, afastando a ideia de ativo e passivo como constituinte da bissexualidade. Ao final, conclui que “a psicologia é incapaz de solucionar o enigma da feminilidade” (FREUD, 1996d, p. 78).

Freud passa a indagar como se forma uma mulher, a partir da psicanálise:

De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher - seria esta uma tarefa difícil de cumprir -, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual (FREUD, 1996d, p. 79)

Para explicar como a mulher torna-se mulher, ele utiliza as mesmas teorias já apresentadas no texto *Sexualidade Feminina* (1931). Concebe que o desenvolvimento sexual de uma menina é mais difícil e mais complexo do que o do menino, pois o desenvolvimento feminino inclui duas tarefas extras que não possuem equivalentes nos homens: a mudança de prazer - do clitóris para a vagina - e a troca objetual, que passa da mãe para o pai (FREUD, 1996d).

Mais uma vez, Freud ressalta a importância do período pré-edipiano para melhor compreensão do desenvolvimento sexual das meninas, ou seja, a compreensão de seu caminho para feminilidade. O rompimento com a mãe e o percurso em direção ao pai não acontecem sem traumas, deixando marcas de ódio e hostilidade da filha em relação à mãe.

Retoma os motivos que provocam o sentimento de hostilidade e a consequente separação da filha em relação à mãe: não ter sido amamentada o suficiente, ter sido obrigada a dividir o amor materno com outras pessoas, ser proibida da atividade prazerosa com os genitais, após ter sido despertada pela própria mãe, e, principalmente, pela falta de um pênis. O amor intenso e ilimitado comum à fase pré-edipiana se transforma em hostilidade em razão das decepções inevitáveis da relação:

Uma poderosa tendência à agressividade está sempre presente ao lado de um amor intenso, e quanto mais profundamente uma criança ama seu objeto, mais sensível se torna aos desapontamentos e frustrações provenientes desse objeto; e, no final, o amor deve sucumbir à hostilidade acumulada (FREUD, 1996d, p. 84)

Mas é o complexo de castração o fator mais importante na origem da hostilidade. É ele, preponderantemente, que provoca a mudança de posição da menina, que passa a realizar a substituição do objeto e da zona erógena em direção à feminilidade:

Afinal, a distinção anatômica [entre os sexos] deve expressar-se em conseqüências psíquicas. Foi uma surpresa, no entanto, constatar, na análise, que as meninas responsabilizam sua mãe pela falta de pênis nelas e não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem (FREUD, 1996d, p. 84).

Neste texto, Freud reforça a diferença do complexo de Édipo e de castração nos dois sexos. Enquanto o complexo de Édipo do menino é destruído pela ameaça de castração, na menina “o complexo de castração prepara para o complexo de Édipo,

em vez de destruí-lo” (FREUD, 1996d, p. 88). Além disso, as meninas permanecem no complexo edipiano por um tempo indeterminado, só o destruindo bem mais tarde e, mesmo assim, de modo incompleto.

Ele volta a discorrer sobre os possíveis caminhos que a menina pode percorrer após a descoberta da castração. Defende que no desenvolvimento feminino é frequente o retorno ao período masculino inicial ou pré-edipiano e, por esta razão, no decorrer da vida da mulher, há uma variação entre a masculinidade e a feminilidade, o que poderia ser o lado enigmático da mulher. Ele conclui: “determinada parte disso que nós, homens, chamamos de ‘o enigma da mulher’, pode, talvez, derivar-se dessa expressão da bissexualidade na vida da mulher” (FREUD, 1996d, p. 89).

No fim da conferência, Freud traz à discussão algumas características peculiares da feminilidade madura, observadas em seu trabalho clínico. Atribui à feminilidade maior quantidade de narcisismo e aponta que a mulher tem mais necessidade de ser amada do que de amar. Sustenta que a vaidade das mulheres provém da inveja do pênis, como uma compensação tardia da inferioridade sexual, e ressalta a vergonha como uma característica feminina, provavelmente com a finalidade de ocultação da deficiência genital.

Freud mostra que a escolha do parceiro, em um primeiro momento, recorre ao modelo paterno. Entretanto, o vínculo materno acaba vindo à tona, podendo gerar a mesma luta desenvolvida com a mãe e atrapalhar a relação conjugal. Por isso, ele defende que o segundo casamento seria mais satisfatório para a mulher, quando essa reação de empate já tiver sido esgotada no decurso da vida.

Freud defende que a mãe só atinge a satisfação plena na relação com seu filho menino, pois a inveja do pênis retoma sua força com o nascimento dos filhos: “este é, sem exceção, o mais perfeito, o mais livre de ambivalência de todos os relacionamentos humanos” (FREUD, 1996d, p. 90).

Neste texto, Freud discorre sobre suas impressões da prática analítica em relação à rigidez psíquica das mulheres e dos homens em torno de trinta anos. Observa que as mulheres possuem rigidez psíquica, com posições definitivas da libido e sem possibilidade de um novo desenvolvimento, como se o caminho para feminilidade tivesse esgotado qualquer outra possibilidade. Já os homens foram vistos como abertos à novas possibilidade.

Em relação à rigidez psíquica feminina na época de hoje, Guimarães (2013,

p. 29) pondera: “pode-se pensar que naquela época, não haveria outra possibilidade de sujeito após as mulheres tornarem-se mães”.

Freud busca, ao longo de sua obra, decifrar o enigma da feminilidade. A partir de suas observações clínicas, ele traz ideias inovadoras a respeito da sexualidade no desenvolvimento psíquico do sujeito, diferenciando o masculino do feminino neste processo, a partir do complexo de Édipo.

3.3 A BUSCA DA IDENTIDADE FEMININA

Freud desenvolve o complexo de Castração e o complexo de Édipo como eventos estruturantes do psiquismo e, a partir de tais conceitos, demarca as diferenças entre meninas e meninos.

Lacan reformula o complexo de Édipo, mostrando outra perspectiva na relação original da mãe e dando grande importância à figura paterna para constituição do sujeito.

Guimarães (2013), com base em Lacan, explica dois conceitos importantes na dinâmica psíquica da constituição do sujeito: alienação e separação. Na alienação, a criança é o falo tanto para a mãe quanto para si própria. Nesse momento, a criança tenta captar o objeto de desejo da mãe para estar em seu lugar. No entanto, é importante que a criança perceba que a mãe deseja algo para além dela, iniciando assim o processo de separação, juntamente com a intervenção do pai.

Deste modo, a mãe se situa como um Outro primordial para o sujeito no processo de alienação e, ao mesmo tempo em que a criança precisa ser amada por este Outro, ela busca no amor uma resposta e um lugar para ser:

A demanda de amor da criança é também uma demanda de uma resposta sobre o seu ser. Esta é a marca da alienação primordial ao Outro - "O que sou para o Outro?". Todo ser falante, homem ou mulher, deve se constituir a partir do Outro. As duas operações de constituição do sujeito, a alienação e a separação, evidenciam a constituição do sujeito a partir do Outro (MARCOS, 2011).

Zalberg (2003) comenta que, se inicialmente Lacan usa apenas a referência ao falo para resolução do complexo de Édipo tanto nas meninas quanto nos meninos, posteriormente ele constata que a referência ao falo é insuficiente para dar conta do Édipo feminino, mas apenas do masculino. Além do anseio de ser, que constitui

qualquer sujeito, menino ou menina, a mulher procura um significante específico de seu sexo, o feminino, e que não encontrará nem na figura materna e nem na paterna elementos para estabelecer uma identidade especificamente feminina.

É a intervenção do pai na relação alienante que faz a criança sair da posição submissa ao desejo da mãe:

[...] no exercício simbólico de sua função pacificadora, o pai instaura a lei da proibição do incesto. No ato, ele nomeia o objeto de desejo da mãe: o falo. Uma vez nomeado, o desejo da mãe deixa de ser enigmático para a criança. A nomeação do desejo da mãe pelo pai liberta a criança da condição alienante de continuar sendo, ilusoriamente, o objeto de desejo da mãe, mas, ao mesmo tempo, confronta-a com sua questão sobre seu ser; a identificação fálica propiciava-lhe alguma identificação, embora ilusória. O pai, em sua função fálica, confronta a criança com a perda de ser o falo da mãe (ZALCBERG, 2003, p. 52).

Zalcborg (2003) comenta que se inicialmente Lacan usa apenas a referência ao falo para resolução do complexo de Édipo tanto nas meninas quanto nos meninos, posteriormente ele constata que a referência ao falo é insuficiente para dar conta do Édipo feminino, mas apenas do masculino. Além do anseio de ser, que constitui qualquer sujeito, menino ou menina, a mulher procura um significante específico de seu sexo, o feminino, e que não encontrará nem na figura materna e nem na paterna elementos para estabelecer uma identidade especificamente feminina

Nesta perspectiva, a falta de um significante específico do feminino faz com que a separação da mãe seja uma tarefa extremamente difícil para menina. Ao examinar o assunto, André (1998, p. 195) comenta as contribuições lacanianas:

Lacan nos ensinou que uma identificação imaginária só se fixa como semelhança do sujeito se puder se apoiar sobre um traço simbólico, “traço unário”, como ele o chama, espécie de significante mínimo que o sujeito apanha do Outro para arrimar sua identidade. Ora, a mãe não pode em caso algum fornecer à filha um traço unário que suporte sua identidade de menina, pelo motivo de o significante da identidade feminina não existe. É com essa falta radical no outro que a menina deve se conformar. Essa falta reforça, de algum modo, a castração feminina, e faz dela uma falta abissal em relação à castração masculina.

Portanto, é na demanda de ser sujeito e de ser mulher que reside a problemática da feminilidade, pois a mulher deverá criar uma identidade feminina, mesmo sem existir um significante específico para seu sexo.

3.4 O OLHAR DO OUTRO EM SONATA DE OUTONO

O filme *Sonata de Outono*, do cineasta Ingmar Bergman, mostra uma conturbada e intensa relação mãe e filha. O filme começa e termina com o olhar de Viktor para sua esposa, Eva. Na cena inicial, sem Eva perceber, Viktor observa a esposa enquanto ela escreve uma carta para sua mãe, Charlotte, convidando-a para passar uma temporada em sua casa após sete anos que não se encontravam. A mesma cena encerra o filme, só que agora Eva escreve uma carta pedindo perdão à mãe e querendo revê-la.

Na abertura do filme, enquanto Viktor a observa, ele comenta que Eva escreveu dois livros, e passa a ler o seguinte trecho de um deles:

É preciso aprender a viver. Eu pratico todo dia. Meu maior obstáculo é não saber quem sou. Eu tateio cegamente. Se alguém me ama como sou posso finalmente ter a coragem de olhar mais mim mesma. Essa possibilidade é pouco viável (SONATA..., 1978).

Logo depois, ainda na cena inicial, Viktor fala: “Gostaria de dizer a ela, pelo menos uma vez, que é amada plenamente, mas não consigo dizer de uma maneira que ela acredite. Não encontro as palavras certas”. A fala de Viktor demonstra uma incredulidade de Eva em relação ao amor do marido, que, segundo Ribeiro (2009), se dá pela experiência insuficiente com a mãe.

Na carta à mãe, Eva escreve: “para evitar sua recusa imediata, devo dizer que a paróquia tem muito espaço, você terá seu quarto com todas as mordomias, temos um piano e você poderá praticar”. Eva sabe que só sua presença não seria suficiente para atrair a mãe e, por esse motivo, tenta convencê-la por outros meios.

Charlotte aceita o convite de sua filha e, à medida que o enredo segue, percebe-se claramente que a única paixão de Charlotte é o piano, e todas as outras pessoas são invisíveis aos seus olhos, inclusive a filha. Sobre o filme, Marcos (2011) aponta que é “esta ausência da filha no olhar da mãe que vai ser desnudada ao longo do filme”.

Durante o filme, a mãe sempre aparece maquiada e bem arrumada, adora o palco e aplausos, o que demonstra ter encontrado o caminho da masculinidade, dentre os propostos por Freud na descoberta da castração. Já a filha, até hoje com aparência infantil, parece que esconde o próprio corpo com as roupas, usa tranças e nunca aparece com apetrechos femininos, o que indica ter seguido, ao contrário da mãe, o caminho da inibição sexual.

Numa discussão na madrugada, Eva lembra o passado e culpa a mãe pelas suas ausências, por não olhar para ela, por apenas se preocupar com o trabalho, e assim coloca para fora todo seu ódio, mágoa e abandono.

O filme revela que Eva nunca ocupou um lugar no desejo da mãe. Ela precisava ser amada para encontrar um lugar no mundo simbólico, e é por ser destituída deste lugar que ela se sente tolhida de si mesma e incapacitada para amar e ser amada pelo marido. “Eva não consegue colocar seu corpo na troca amorosa – as palavras de amor do marido permanecem vazias de sentido” (MARCOS, 2011).

A impossibilidade de Eva ser amada é mais uma vez revelada quando Viktor fala para Charlotte como vê sua esposa: “Tentarei explicar como enxergo minha mulher. Quando pedi Eva em casamento, ela disse que não me amava. O que quer dizer? Perguntei se ela amava outro. Ela me disse que nunca amou ninguém, que era incapaz de amar”.

O filme Sonata de Outono ilustra bem a teoria psicanalítica na relação mãe e filha, que, além de mostrar uma relação intensa e ambivalente, comum na relação mãe filha, revela as enormes consequências da falta do olhar da mãe no processo de alienação da filha. No filme, Eva, o tempo todo, mima a mãe, na esperança de receber em troca o amor materno e encontrar um lugar para o seu ser, mesmo já adulta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do trabalho foi compreender as especificidades da relação mãe e filha e a influência que este vínculo exerce na constituição da subjetividade da menina e na busca de sua feminilidade.

Diante das leituras realizadas para elaboração deste trabalho, ficou claro que a relação mãe e filha é intensa, ambivalente, mas também é estruturante e fundamental para compreensão do enigma da feminilidade, além de gerar consequências por toda a vida da mulher.

O período pré-edipiano, o complexo de castração e de Édipo são considerados marcos para compreensão da constituição do sujeito, e foi a partir da análise da dinâmica deles que Freud foi diferenciando a sexualidade masculina da feminina.

Os textos de Freud mostram o longo caminho percorrido por ele para compreender o desenvolvimento da sexualidade feminina e descobrir o enigma da

feminilidade, sendo seus estudos sobre o tema até hoje comprovados na clínica com mulheres.

Lacan retoma Freud e aprofunda os estudos relacionados à feminilidade. Para ele, a mulher, assim como o homem, encontra-se estruturada na linguagem e no simbólico, mas a mulher não possui um significante feminino e, ainda assim, precisa encontrar uma identidade feminina.

As leituras sobre a constituição da feminilidade despertaram em mim mais interesse no aprofundamento do assunto. Várias questões estudadas para o desenvolvimento deste trabalho, mas que não cabiam em um artigo, confirmam a necessidade de prosseguir nos estudos da feminilidade, principalmente porque a clínica está repleta de casos relacionados ao tema. É a constituição do sujeito que sustenta todo o trabalho analítico, sendo de extrema importância o aprofundamento teórico do analista para compreensão da clínica.

Conclui-se que o vínculo da mãe com a filha é de importância fundamental na clínica psicanalítica porque é a partir dele que se compreende a trajetória da mulher na construção de sua subjetividade e no caminho para a feminilidade. Deste modo, diante das discussões aqui apresentadas em relação à influência da relação mãe e filha na história de vida da mulher, entendo que o objetivo proposto no trabalho foi alcançado.

REFERÊNCIAS

ABU-JAMRA ZORNIG, Silvia Maria **As teorias sexuais infantis na atualidade: algumas reflexões Psicologia em Estudo**, vol. 13, núm. 1, enero-marzo, 2008, pp. 73-77 Universidade Estadual de Maringá, Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/2871/287122106009.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2017.

ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BRUNNER, Isadora L. P. Dantas. Devastação e detenção do sujeito na trajetória de tornar-se uma mulher: a relação mãe-filha em questão. **Fazendo Gênero 9**, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_6/devastacao.pdf>. Acesso em: 21 maio 2017.

COSTA, Teresinha. **Édipo**. Coleção passo a passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,

2010.

DRUMOND Cristina. Devastação. **Opção Lacaniana**, ano 2, n. 6, nov. 2011.
Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_6/devastacao.pdf>.
Acesso em: 31 out. 2017.

FARIAS, Cynthia Nunes de Freitas Farias; LIMA, Glaucineia Gomes. A relação mãe criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica. **Estilos clin.** São Paulo, v. 9, n. 16 jun. 2004. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282004000100002>. Acesso em: 26 jun. 2017.

FREUD. S. **A dissolução do complexo de Édipo (1924)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX).

FREUD. S. **A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX).

FREUD. S. **Algumas conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XIX).

FREUD. S. **Feminilidade (1933 [1932])**. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXII).

FREUD. S. **Sexualidade feminina (1931)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXI).

FREUD. S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. VII).

GARCIA-ROZA. Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo. Atlas. 2002.

GUIMARÃES, Isabel Maria Chaves. **A relação mãe e filha e os impasses no caminho da feminilidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013, 75 f. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22243/22243.PDF>>. Acesso em: 21 maio 2017.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAPLANCHE, Jean. **Freud e a sexualidade, o desvio biologizante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCOS, Cristina. Mãe e filha - da devastação e do amor. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 2, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000200002&lng=pt&nrm=iso&tling=pt>. Acesso em: 21 maio 2017.

RIBEIRO, Marina Ferreira da Rosa. **De mãe e filha: a transmissão da feminilidade**. Tese (Doutorado em Psicologia clínica) – Pontifícia Universidade Católica do São Paulo. 2009. 184 f. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/15873/1/Marina%20Ferreira%20da%20Rosa%20Ribeiro.pdf15873>>. Acesso em: 21 maio 2017.

SILVA, Aline Miranda da. A devastação e o feminino. **Psyche**, São Paulo, v. 12, n. 22, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000100003>. Acesso em 25 de agosto de 2017.

SILVA, Thaís Aparecida Bueno da. **A relação Mãe e Filha e os caminhos para a feminilidade**: o olhar da psicanálise a partir do brincar de uma menina. 2015. 46f. Monografia – Programa de Aprimoramento Profissional em Psicologia Clínica, Instituto de Assistência Médica do Servidor Público Estadual – Hospital do Servidor Público Estadual Francisco Morato de Oliveira, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/ses/resource/pt/ses-32344>>. Acesso em: 21 maio 2017.

SONATA de Outono. Título original: Horstsonat. Direção e roteiro de Ingmar Bergman. EUA, 1978.

TELLES, Sergio. **Visitas à casa de Freud e outras viagens**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2006.

ZALCBERG, Malvine A devastação: uma singularidade feminina. **Tempo psicanal**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382012000200013>. Acesso em: 25 ago. 2017.

ZALCBERG, Malvine. **A relação mãe e filha**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, me encorajaram nesta jornada. Ao meu esposo Dirno, pela paciência e incentivo, aos meus pais, por terem guiado meus primeiros passos na busca do saber. Aos meus irmãos, por alegrarem meus dias. Aos meus queridos amigos, por me proporcionarem descontração. Às amigas Sabrina e Paula, pelos risos e incentivos mútuos na graduação, trazendo mais leveza à nossa jornada. Ao meu orientador Erick Leonardo pelo acolhimento, disponibilidade e incentivo ao saber. À equipe de professores do curso de Psicologia do Uni-RN, por contribuírem com a minha formação

Natal/RN, artigo científico depositado em 30 de novembro de 2017.